XONDARO MBARAETE

A força do Xondaro

Sumário

Créditos 4

Agradecimentos 5

A história do livro e seus novos caminhos 6

Apresentação 10

O Trabalho do Pesquisador Guarani 14

"*Nhane'arandu regua*" - Modos guarani de conhecer 18

Remédios - *Poã* 24

Xondaro 26

Kyre'ymba reko 31

Tipos de Função do *Xondaro* 32

Xondaro opy regua, oka regua ha'e gui xondaro py ague 37

Xondaro oka regua 37

Xondaro pyrague 39

As Diferenças na Dança do *Xondaro* 40

Xondaria Regua 43

Tangara 44

Manga Reko 44

Xondaro e sua ligação com as divindades 46

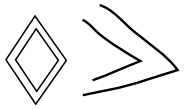
Nhaderu Kuery 49

Papa Tenonde Ipuaka Pa Va'e 50

O *Xondaro* e a Espiritualidade 51

Experimento de tradução 52

Palavras de Marcos Tupã 58



Coordenação editorial
Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Projeto
Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e Preservação do Patrimônio Cultural Guarani

Realização
Centro de Trabalho Indigenista (CTI)
Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Centro de Trabalho Indigenista
Ivan Nassif Pacca (Presidente)
Maria Inês Ladeira (Coordenadora do Programa Guarani)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Jurema de Sousa Machado (Presidente)
Célia Maria Corsino (Diretora de Patrimonio Imaterial)
Mônia Luciana Silvestrin (Coordenadora Geral de Identificação e Registro)
Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante (Coordenadora de Identificação)
Damiana Bregalda Jaenisch (Consultora do Departamento de Patrimônio Imaterial para o projeto Valorização do mundo cultural Guarani)
Superintendências do IPHAN nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Comissão Guarani Yvyrupa
Marcos Tupã (Coordenador Tenonde)

Coordenação pedagógica
Joana Cabral de Oliveira
Lucas Keese dos Santos
Daniel Calazans Pierri
Pedro Vicente Karai Mirim
Marcos dos Santos Tupã

Gestão
Inaiá de Carvalho
Eliza Bolsoni Castilla
Ana Tomasuolo

Equipe de Pesquisadores Indígenas
Alexandre Ferreira Benites
Donizete Karai Fernandes Soares da Silva
Edson Tejekupe dos Santos
Miller Orue Gonçalves
Nilson da Silva
Silvio Aquiles Euzébio
Vilmar Evaristo da Silva
Vitalino Gomes Euzébio
Vladmir Karai Poty Macena
Kerexu Mirim da Silva
Cristian da Silva
Osmar Veríssimo
Joraci Taoya Gonçalves

Textos
Pesquisadores Guarani

Edição dos textos
Joana Cabral de Oliveira

Revisão
Beatriz Braga
Giselda Pires de Lima (Jera)

Imagens
Damiana Bregalda Jaenisch
Joana Cabral de Oliveira
Pesquisadores Guarani

Projeto gráfico e editoração
Olho de Boi Comunicações

Apoio
MINC/IPHAN
Embaixada da Noruega

Ficha catalográfica

XONDARO MBARAETE: a força do Xondaro /
coordenação editorial Centro de Trabalho Indigenista (CTI).
São Paulo, 2013
p.
ISBN:

1.Pesquisadores indígenas. 2. Guarani. 3. *Xondaro*. 4. Saberes tradicionais.

Agradecimentos

Agradecemos aqui à todos que participaram desse projeto: ao IPHAN, ao CTI e ao povo Guarani.
Agradecemos em especial aos *xeramoĩ*, *xejaryi* e aos demais Guarani que compartilharam parte de seus conhecimentos conosco. Citamos aqui aqueles que foram entrevistados:
Guaíra: Sergio Wera.
Jaraguá: Virgínia Veríssimo (Para), Hortêncio da Silva (Karai Tata Endy), Carlito Gabriel, Cecília Ernesto (Poty), Ronaldo Lima (Karai Poty), Pedro Macena, Ivandro Tupã, Joaquim da Silva, Donizete Soares da Silva (Karai)
Ko'enju: Antonio Vogado, Eduardo Silva (Kuaray mirim), Xeramoĩ Adolfo, Bonifácio Ferreira (Karai nhe'ery), Miguela Escobar (Ara poty).
Krukutu: Luis da Silva (Kuray Mirim); Nivaldo Martins; Laurindo Veríssimo.
Mboapy Pindo: Divino da Silva (Karai *xondaro*); Ivanilda Carvalho dos Santos (Yry myndua); Tereza Oliveira da Silva (Jaxuka mirim); Nelson Carvalho dos Santos (Karai tataendy).
Peguaoty: Dona Julia da Silva (Para Poty); Amantino da Silva (Wera Poty); Alcides da Silva; Luis Euzébio (Karai Jeguata); Pedro Euzébio (Kuaray Mirim); Hilda Gomes (Kerexu Ata); Lucia Martines.
Silveira: Karai *Xondaro*; Adolfo Timóteo (Wera); Ivanilda dos Santos (Para); Jurema dos Santos (Kerexu); Lurdes (Para); Albino; Ermenegildo dos Santos; Higino.
Tenonde Porã: Timoteo Vera P*opy*gua; Pedro Vicente (Karai Mirim); Claudio Fernandes Branco (Wera); Sebastião.
Agradecemos a Giselda Jera pela revisão dos textos e palavras em Guarani.

Ha'evete!

A HISTÓRIA DO LIVRO E SEUS NOVOS CAMINHOS

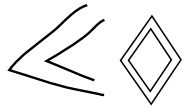
XONDARO MBARAETE - A Força do *Xondaro* é o primeiro livro de textos e imagens produzidos pelos jovens envolvidos no projeto "Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e Preservação do Patrimônio Cultural Guarani". Este projeto é uma extensão da 1ª fase do Inventário Nacional de Referências Culturais Guarani (INRC), realizada entre os anos 2009 e 2011 por meio da parceria entre o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Além de muitas informações sobre a História e a situação atual do povo Guarani, muito estudos e ações foram realizadas em aldeias situadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil para compor a 1ª fase do INRC. Cumprindo a metodologia do IPHAN, foram destacadas "referências culturais", insígnias desse povo, cujos conteúdos e sentidos, apreendidos e reproduzidos coletivamente nas aldeias, durante a vida de cada um, poderiam estimular os jovens guaranis a registrar, eles próprios, conhecimentos do povo ao qual pertencem, assim como fazem os *jurua kuery* (não índios) que pesquisam as sociedades indígenas em suas próprias instituições de saber (escolas, universidades, centros de pesquisa).

Dentre as referências culturais, foi eleito como primeiro foco de pesquisa, o estudo dos significados do *xondaro*. Apesar de ser uma prática viva nas diversas aldeias, fortalecer ainda mais essa expressão é fazer emergir e atualizar os conhecimentos dos mais velhos, integrar as diversas gerações de homens e mulheres, promover maior articulação entre as comunidades guarani nas celebrações conjuntas e valorizar as funções dos *xondaro* atuais.

Este trabalho se situa, portanto, no campo das atuais políticas públicas estimuladas e criadas a partir da Constituição Federal (CF) de 1988 que, em seu artigo 216 define como patrimônio cultural brasileiro "os bens de natureza material e imaterial que sejam referências à identidade, à ação e a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". O grande avanço desta CF foi de reconhecer claramente a dimensão "imaterial ou intangível" do patrimônio cultural . Seguindo os princípios constitucionais foi instituído (pelo Decreto nº 3.551 de 2000) o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) para viabilizar ações de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção dessa dimensão imaterial, cabendo ao IPHAN a sua implementação.

A Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (PCI) promovida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura), firmada em 2003, da qual o Brasil e mais 160 países são signatários, visa contribuir para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Define entre outras as práticas sociais e rituais, expressões orais (a língua como vetor), conhecimentos e práticas relativas à natureza e ao universo – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais associados – que as comunidades e grupos reconhecem como fazendo parte de seu patrimônio cultural. Releva como fundamental as formas de transmissão, circulação e renovação dos conhecimentos tradicionais, considerando o



meio, a interação com a natureza e a história, que dão ao grupo e às comunidades um sentimento de identidade e continuidade. A Convenção define como medidas de "salvaguarda" a serem adotadas pelos Estados àquelas que assegurem a participação das comunidades nas pesquisas, nos processos de revitalização, nas formas de transmissão dos saberes, no acesso à terra e às espécies naturais.

Esse é um breve resumo das políticas e leis que envolvem o PCI, visando respeitar e promover a diversidade cultural. Entretanto, percebe-se que há outras questões que não estão transparentes, que são as terminologias e a alguns conceitos adotados que não se enquadram com filosofias, cosmologias e modos de vida de todas as diferentes sociedades que vivem nesta Terra. Nesse sentido, é que o livro *XONDARO MBARAETE* - A Força do *Xondaro* vem contribuir para ampliar os sentidos e as possibilidades de adquirir e proporcionar conhecimentos e de estreitar os canais entre as experiências e entendimentos diversos.

O esforço dos pesquisadores guarani na tradução de alguns de seus próprios conceitos para que se tornassem compreensíveis aos não índios é evidente. Observa-se que a apropriação das formas de "pesquisa", serve tanto como instrumento de aprendizado para os próprios pesquisadores como de afirmação perante a sociedade envolvente. Entre eles, como expuseram várias vezes durante os processos de pesquisa, as formas de aprender e transmitir seus saberes tradicionais ocorrem sobretudo por outros caminhos, incluindo as relações com os *xeramoĩ* e as *xejaryi*, as divindades e todos os seres que povoam a Terra, sejam gente, plantas, animais...

Parece mesmo que as sociedades indígenas nunca pensaram que poderia haver uma ruptura ou divisão entre o aspecto material e o imaterial de sua cultura; os artefatos, os cantos, as cerimônias, possuem história, formas, sons e substâncias que se revelam na sua aparência quando estão em seus próprios lugares. Nesse sentido é que as noções que permeiam as políticas de PCI (Patrimônio: quem é o dono? Cultura: no que consiste? Bens: para que e para quem?) resvalam com outras categorias ou entendimentos que permeiam as relações que acontecem no mundo.

Os textos produzidos pelos jovens guaranis nos ensinam mais que tudo, que é impossível definir limites ao conhecimento, ou abordar um aspecto da cultura. Qualquer que seja a forma de aquisição de conhecimentos sobre este, ela resvalará num universo que integra pássaros, divindades, gente, animais e todas as substâncias que as fazem vivas. Este livro nos faz soltar a imaginação e pensar que para além do seu espaço reduzido, não há fronteiras para e entre os saberes.

Maria Inês Ladeira

Apresentação IPHAN

O projeto Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e Preservação do Patrimônio Cultural Guarani, realizado entre 2012 e 2013, corresponde à segunda etapa de desenvolvimento do Inventário Nacional de Referências Culturais- INRC junto aos Guarani Mbyá.

O INRC é um instrumento técnico utilizado em processos de pesquisa e sistematização de dados, visando à identificação do patrimônio cultural imaterial dos mais diversos grupos nos termos da política federal de preservação do patrimônio cultural.

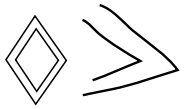
A política de patrimônio no Brasil pauta-se na ideia de que cultura e patrimônio cultural são noções diferenciadas. Nos termos dessa política, a definição do patrimônio cultural de um grupo não consiste em uma atividade essencialmente técnica de pesquisadores ou gestores da política de patrimônio. Pressupõe a interpretação da cultura por seus próprios detentores, no sentido de selecionar e eleger os valores e significados que diferenciam determinados aspectos culturais em detrimentos de outros. Assim, a aplicação do INRC pretende constituir um lugar de enunciação que resulta de processos de tradução cultural, possibilitados pela relação dos sujeitos envolvidos: detentores culturais, Estado e pesquisadores mediadores.

Na primeira etapa do inventário foi realizada uma ampla pesquisa bibliográfica e documental acerca do universo cultural Guarani Mbyá. Com o presente projeto foi iniciada a identificação das referências culturais, realizada por pesquisadores Guarani de aldeias localizadas no estado de São Paulo.

Essas ações , desenvolvidas em parceria entre as comunidades Guarani Mbyá, Centro de Trabalho Indigenista – CTI e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN, são também a parte brasileira do projeto multinacional Valorização e Salvaguarda do universo cultural Guarani, concebido no âmbito do Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial na América Latina – CRESPIAL/UNESCO, para o desenvolvimento de ações conjuntas entre Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai, visando à identificação, valorização e preservação do patrimônio cultural Guarani.

O objetivo maior do projeto é realizar, em conjunto com as comunidades envolvidas, ações efetivas de valorização e defesa dos modos de viver próprios dessas comunidades, a partir dos olhares e significados que elas constroem acerca de sua própria cultura. Dessa forma, os resultados apresentados são também um esforço dos pesquisadores indígenas em comunicar e traduzir alguns elementos e sentidos de sua cultura para o Estado e sociedade em geral.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



Apresentação

Esse livro é parte do resultado da pesquisa coletiva realizada por um grupo de pesquisadores guarani *mbya*, moradores das aldeias Tenonde Porã, Krukutu, Silveira, Jaraguá e Peguaoty, todas do estado de São Paulo. Compuseram a equipe: Alexandre Ferreira Benites (Wera Poty), Donizete Karai Fernandes Soares da Silva (Karai), Edson Tejekupe dos Santos, Miller Orue Gonçalves, Nilson da Silva, Silvio Aquiles Euzébio, Vilmar Evaristo da Silva, Vitalino Gomes Euzébio, Vladmir Karai Poty Macena, Kerexu Mirim da Silva, passando por ela também Cristian da Silva, Osmar Veríssimo, Joraci Taoya Gonçalves.

O tema escolhido para a pesquisa foi o *xondaro*, uma manifestação cultural da vida guarani extremamente complexa, como se poderá notar nas páginas que se seguem, todas elas escritas e idealizadas por essa equipe de jovens pesquisadores *mbya*.

A pesquisa durou um ano e foi realizada junto as comunidades onde esses jovens residem, bem como as aldeias pelas quais passaram: Ko'enju (RS) e Mboapy Pindo (ES). Na Ko'enju por ocasião da assembleia guarani *Yvy Rupa*, a equipe pôde ainda conversar e dançar com guaranis de muitas aldeias e regiões, incluindo moradores da Argentina e de Guaíra (Oeste do Paraná).

Os dois primeiros textos dizem respeito ao modo como eles compreenderam a árdua missão de pesquisar a própria cultura. Uma reflexão inicial importante foi acerca dos diferentes modos de aprendizado e transmissão de conhecimentos, afinal o desafio que se apresentava era como equacionar os modos não-indígenas de conhecer com as formas guarani. Essa fora tarefa difícil, uma vez que esses jovens não estavam meramente reproduzindo técnicas e métodos de pesquisa não-indígenas, mas sim buscando se apropriar da pesquisa para construir uma compreensão dessa ferramenta e produzir sua própria metodologia.

Os textos subsequentes falam propriamente do *xondaro* e das descobertas e entendimentos que eles tiveram ao longo do processo. Entremeando esse esforço de síntese e explicação, há pequenos relatos pessoais em que são narradas as experiências de aprendizado e de participação na pesquisa.

Ao final apresentamos um esforço de tradução conceitual, onde tentou-se pensar o *xondaro* a partir das categorias de bens culturais do IPHAN. E por fim, encontram-se as palavras de Marcos dos Santos Tupã, liderança que participou ativamente da orquestração da pesquisa.

Como foi feito

Ao longo de um ano de projeto, os jovens pesquisadores guarani participaram de cursos de formação, onde construímos conjuntamente um plano de pesquisa coletiva sobre o *xondaro*. A partir desse plano, que foi revisitado e modificado conforme o andamento do trabalho, os pesquisadores guarani fizeram entrevistas, conversas e tomaram parte nas danças e nas atividades dos *xondaro* e *xondaria*.

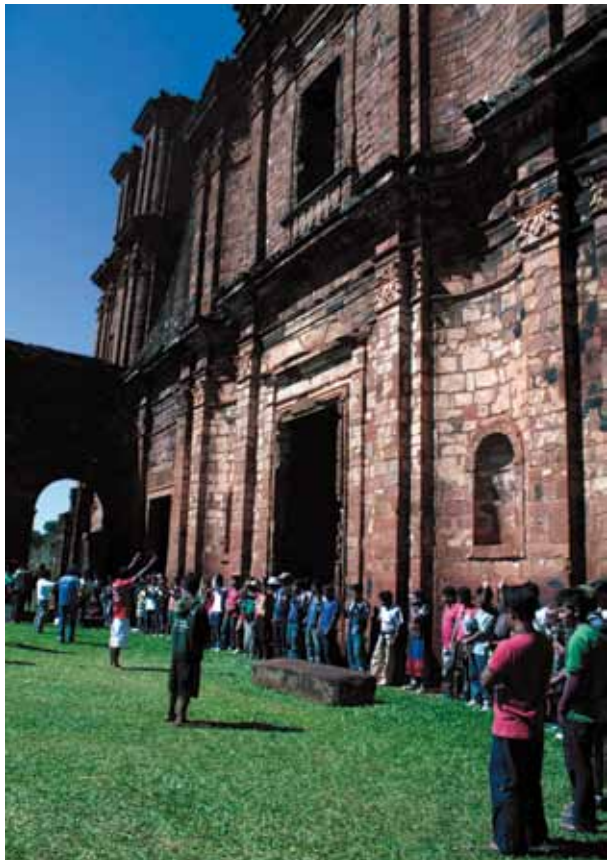
Nesse caminho, é preciso marcar a presença constante e firme de Seu Pedro Vicente, *xeramoĩ* (avô conhecedor) e grande *xondaro*, que conduziu a equipe e imprimiu suas concepções nos resultados aqui apresentados.

É importante notar que os textos cristalizam parte das reflexões construídas pelos jovens pesquisadores *mbya* em sua interlocução com seus *xeramoĩ* e *xejaryi kuery*, bem como no embate com a equipe de formação[1]. Alguns dos textos foram escritos coletivamente, outros individualmente, mas todos revistos e alterados pelo grupo, em um processo cuidadoso e lento de discussão e adequação, no qual a equipe de formação apontava problemas e incompletudes da produção escrita.

O papel dos formadores *jurua* foi, assim, levantar questões que auxiliassem o grupo em sua caminhada de pesquisa sobre o *xondaro*, bem como na dura tarefa de traduzir tamanha complexidade aos *jurua kuery*.

Nas discussões sobre tradução houve um esforço para se distanciar de termos que remetessem à tradição cristã, alguns deles fortemente marcados nos estudos guarani e frequentes no vocabulário desses jovens pesquisadores, tais como: terra sem mal, Deus, a oposição imperfeito/perfeito, espíritos ruins, alma, glória etc. Contudo, o leitor ainda encontrará nos textos alguns desses termos, pois o processo de tradução crítica ainda não está completo, muito menos consolidado. O intuito

[1] Joana C. de Oliveira e Lucas Keese, que estavam frente da formação, contaram com as participações de Daniel Pierri, Maria Inês Ladeira, Eliza Castilla, Adriana Testa e Jan Eckart do CTI e Damiana Bregalda do IPHAN. Além dos *jurua*, compunham a equipe Marcos Tupã e Pedro Vicente que tiveram um papel fundamental nessa caminhada.



desse esforço era tentar evidenciar a lógica guarani e sua cosmologia, onde se destacam um panteão de divindades que se relaciona de modo particular com o povo guarani e não remete a visão clichê de que esse povo teria sido cristianizado e apaziguado pelos esforços missioneiros de séculos.

Os formadores, assim, problematizavam as traduções, propondo uma reflexão que resultasse em traduções mais justas à riqueza conceitual guarani. Diante de termos que remetiam a complexos conceitos, algumas vezes optamos por deixá-los em língua guarani, fazendo uma discussão em nota, ou propondo uma tradução parcial entre parênteses. Contudo, o tempo foi escasso para dar conta de tamanha tarefa.

Devido à complexidade da confecção de traduções, optamos por não passar textos escritos em português para a língua guarani, ou vice-versa. Os textos em guarani e em português foram feitos nas línguas em que se apresentam, não são, portanto, versões uns dos outros. Foram produzidos dentro das possibilidades de expressão que cada língua possui, explorando suas singularidades e limites.

Esperamos, assim, que esse pequeno livro possa, por um lado, contribuir para mostrar aos *jurua kuery* a riqueza do universo *mbya* e a vivacidade de sua cultura, auxiliando na diminuição dos preconceitos que rondam os povos indígenas de um modo geral e os Guarani em particular, e, por outro, cativar e ascender a curiosidade dos jovens guarani para as manifestações culturais de sua gente.

Joana Cabral de Oliveira

O trabalho do pesquisador guarani

A tarefa de tradução

Entendemos que o nosso trabalho como pesquisadores indígenas é fazer os *jurua kuery* entenderem um pouco sobre a nossa cultura. O tema escolhido foi *xondaro*, vemos que a prática dessa dança é muito importante para os guarani. Por isso é nosso dever tentar traduzir um pouco esse conhecimento de uma forma que os *jurua kuery* entendam e assim tenham mais consideração em relação aos nossos direitos.

O trabalho de tradução não é somente passar uma palavra do guarani para o português. O *xondaro* não é só uma palavra, mas abrange todo o conhecimento da dança e como esta se relaciona com o cotidiano da vida do guarani, além de estar relacionada com espiritualidade (*nhanderu kuery*), pois essa é uma das formas que temos de estar em contato com *nhanderu kuery*.

No nosso trabalho fizemos entrevistas, filmagens com *xondaro ruvixa* e com os conhecedores dessa dança. Nós também praticamos muito durante o trabalho. Na nossa experiência, vimos que não há um só jeito de dançar e aprender os conhecimentos transmitidos, porque cada pessoa tem o seu jeito próprio de dançar e de escutar os mais velhos. Cada um sente em si a vontade de aprender e os mais velhos ajudam a desenvolver o conhecimento que está dentro nós. Além disso, o jeito de cada um dançar e aprender depende de onde nosso *nhe'e vem*.

---

[2] Os não-índios.

[3] As divindades celestes.

[4] O método que usamos para fazer entrevistas foi bem diferente do que os *jurua* costumam fazer, porque eles seguem uma regra, como fazer perguntas específicas, e ter um tempo determinado. Mas nós guarani temos o nosso jeito de fazer uma entrevista, por exemplo: chegamos cautelosos e não fazemos pergunta diretas, primeiro deixamos a pessoa bem à vontade, oferecemos *petyngua* (cachimbo) ou *ka'ay* (chimarrão) para que a pessoa se sinta bem. Assim deixamos a conversa fluir da maneira que a pessoa fale da vida dela, das experiências, e então começamos a desenvolver a entrevista.

[5] *Xondaro ruvixa* é o que conduz a dança, o que ensina os *xondaro* a se esquivar dos ataques. Mas isso não quer dizer que ele é um mestre, porque quando os *jurua* se referem ao mestre, eles têm uma ideia de que o mestre sabe todo o conhecimento, mas na cultura guarani mesmo o *xondaro ruvixa* está aprendendo, pois não tem o conhecimento completo.

[6] O nhe'e se refere ao princípio que dá vida ao corpo. Quando morremos o *nhe'e* volta para a morada celeste (*amba*), mas não temos só o *nhe'e*. Há também o *nhande'ã* (nossa sombra) e *nhande'ãgue* (a imagem de um morto, fantasma), que fica vagando e aparece em sonhos.

No mundo do *jurua* o conhecimento se transmite nas escolas, universidades, é um conhecimento que diz ser universal. No mundo guarani não tem apenas um jeito certo de adquirir conhecimento, aprendemos do nosso modo: observando, ouvindo os conselhos dos *xeramoĩ kuery*[7], praticando as atividades e, na maioria das vezes, os conhecimentos são transmitidos pelas divindades (*nhanderu kuery*), porque são elas que nos ajudam e ter força e saber.

Os nossos conhecimentos sobre *xondaro* variam muito, variam de acordo com as regiões ocupadas pelos guaranis e de acordo com cada um dos conhecedores, porque cada um tem seu próprio saber e pensamento. Por isso há diferenças na hora de dançar, uns dançam mais rápido, outros mais lentamente. Na maioria das vezes os *jurua kuery* generalizam todo nosso conhecimento, por isso estamos tentando mostrar algumas diferenças que há entre os guaranis nos textos que elaboramos.

Dessa forma nós percebemos ao longo dessa pesquisa a importância de conhecer e transmitir os nossos conhecimentos e de falar deles de um modo que os *jurua kuery* entendam e respeitem nosso modo de viver, nossos conceitos e jeitos de pensar.

[7] Os avôs, os mais velhos, pajés.

O Aprendizado do Xondaro por Silvio

Meu nome é Silvio, e vou contar um pouco da experiência que vivi durante o curso.

Eu aprendi muita coisa sobre xondaro. Antes dessa formação de pesquisadores eu já tinha aprendido como se dança xondaro. Só conhecia para aquecer o corpo, os movimetos... Eu sempre tive vontade de dançar xondaro.

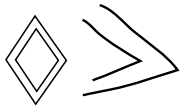
Eu aprendi com meu xeramoĩ, que era grande mestre de xondaro. Ele tinha vontade de me ensinar sobre xondaro reko. Depois ele desapareceu e eu fiquei muito tempo sem dançar xondaro, até me esqueci. Mesmo tendo conhecido xondaro eu parei de dançar. Hoje, primeramente, quero agradecer nhanderu tupã, agradecer à equipe do CTI por nos ajudar a voltar a lembrar do xondaro. Atualmente na minha aldeia Peguaoty através da participação nesse projeto, os jovens da comunidade me consideram como xondaro ruvixa rami, e eu ensino o xondaro e tudo que eu aprendi com xeramoĩ Pedro Vicente.

Por isso, sempre tenho vontade de ensinar os mais jovens que têm interesse de aprender xondaro. Como xondaro é muito importante para nós, eu tenho grande orgulho em ensinar as crianças.

Em cada momento de dançar, sempre tenho fé em nhanderu. Através da dança do xondaro eu me sinto bem, contente.

“Nhane’arandu regua”

Modos guarani de conhecer



Apresentação

A educação guarani é um processo contínuo, uma forma de preparação para a vida adulta, onde os Guarani desde criança aprendem observando os mais velhos no cotidiano, nas atividades como danças, cantos e rituais como o "*ka'a nhemongarai*[8]", entre outros. As crianças e adolescentes aprendem e desenvolvem livremente algumas atividades mais simples, muitas vezes por meio de algumas brincadeiras, mas sempre com acompanhamento de uma pessoa mais velha, que deve estar por perto para elas não se machucarem.

Esse modo de aprender se difere do modo de conhecer do *jurua* (não-índios), pois segundo os mais velhos nada se aprende sem vivenciar na prática e sentir dentro de si. Para os Guarani tudo está relacionado ao modo de ser, ou seja ao *nhande reko*[9], enquanto que para a maioria dos *jurua* o conhecimento é tratado como ideias e pensamentos que são adquiridos com o passar dos anos nas escolas e universidades. Algumas vezes os pesquisadores *jurua* fazem um trabalho, mas não têm uma visão mais ampla sobre o tema, por isso acabam fazendo uma pesquisa superficial, como é o caso de algumas pesquisas sobre culturas indígenas que são muito complexas e que poucos pesquisadores conseguem entender. Já o pesquisador guarani deve ter um pensamento e o sentimento mais profundo, olhar e ouvir com mais atenção cada detalhe, para ter melhor entendimento daquilo que se está estudando, para saber traduzir para outras pessoas e para si mesmo.

O aprendizado guarani começa a ficar mais rigoroso quando os meninos começam a engrossar a voz e as meninas têm a primeira menstruação. Nesses momentos da vida, as meninas devem fazer resguardo e os meninos dieta e ter alguns cuidados em suas atividades. Nesse período é onde aprendem a fazer as coisas mais difíceis como: a agricultura, a construção de casas (no caso dos meninos), trabalhos domésticos e cuidar de crianças (no caso das meninas). Também ocorrem rodas de aconselhamento na casa de reza com os *xeramoĩ* [10] e os mestres *xondaro* para aconselhar sobre o modo de se comportar diante de outras pessoas de sua comunidade.

Xondaro Reko

As crianças são preparadas primeiro pelos pais, assim que suas mulheres dão a luz a uma criança, os pais podem fazer algum remédio de sua preferência, por exemplo: para que seu filho engatinhe logo, ou para andar etc. Antigamente, antes de sermos habituados no mundo dos *jurua kuery*, se executavam muitas tarefas e assim as crianças eram divididas conforme as tarefas. Os mais pequenos ficavam em suas casas cuidando de seus irmãozinhos e faziam serviços leves, como buscar água. Alguns iam acompanhar os adultos nas roças, colheitas,

[8] Uma celebração que fazemos todos os anos com o uso da Erva Mate.

[9] Modo de viver, modo de agir, modo de ser.

[10] Outra forma de chamar os mais velhos da aldeia, nesse caso quer dizer: "meu avô".

nas construções das casas, e outros eram levados para a mata, acompanhando os adultos experientes, que sabiam tudo sobre a mata, para receberem ensinamentos de como se consegue lenha, mel, frutas etc.

Nessa fase são ensinados também como andar, como não fazer barulhos para não espantar os bichos, como ficar atento aos perigos e imprevistos que poderiam aparecer de uma hora para outra. E ao retornarem à tarde, todos se reuniam no *opy rokare* (quintal da casa de reza) para praticar *xondaro jeroky* (dança do *xondaro*) com um ensinador.

Uma das etapas de ensinamento para os meninos é pratica do *xondaro*, como uma forma deles adquirirem equilíbrio físico e mental. Para ser *xondaro* eles devem aprender a trabalhar em grupo, ter companheirismo, ser mais solidário e se tornar uma pessoa mais responsável e educada. Mas, para se tornar um *xondaro*, a pessoa tem que praticar e aperfeiçoar suas técnicas. Além disso, ter uma boa alimentação, com os alimentos tradicionais guarani a base de mel, frutas (*yvyra'a*), também pode ajudar a ter um corpo mais leve e mais saudável.

Geralmente durante as tarde são realizadas as danças antes de entrar na casa de reza, a *opy*. Faz parte do processo de aprendizado do *xondaro* a observação e participação na dança. O *manga* (peteca) é uma brincadeira que pode ajudar na prática do *xondaro*, nela os praticantes desenvolvem o reflexo físico e maior resistência, que são importantes para as danças, pois elas podem ser realizadas por longo período. Nessa hora é importante sentir o *xondaro* dentro de si.

No aprendizado do *xondaro* é preciso ouvir os conselhos dos mais velhos de como se comportar diante da comunidade, respeitando os mais velhos e até mesmo as crianças.

Algumas pessoas começam observando como é a dança, e tentam fazer os movimentos que os mais velhos executam, mas os praticantes devem sentir dentro de si a vontade de dançar, tem que ter a sua vontade própria para aprender essa dança, se for obrigado, o máximo que se faz é uma volta, duas ou três vezes e logo desiste.

Conclusão

Independente de virmos aqui na terra para dançar ou não o *xondaro*, todos nós já viemos com conhecimento para praticar, mas isso vai depender de cada pessoa, se ela vai desenvolver ou não esse conhecimento.

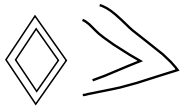
Como já vimos a dança do *xondaro* tem etapas de aprendizado, mas isso não precisa ser seguido de maneira regrada, isso quer dizer que cada um tem seu jeito de aprender e que mesmo não praticando a dança temos esse conhecimento.

Dessa maneira, o aprendizado do *xondaro* ocorre através de uma combinação de vários processos e momentos: observação e participação na dança, a prática constante, as brincadeiras, os aconselhamentos, o conhecimento que vem das moradas celestes, etc.

O Aprender o Nhande reko

por Vilmar Evaristo

Na passagem da infância para a vida adulta, os pais colocam o filho pra sentar e em seguida dão muitos conselhos, é como uma revisão. Pelo menos foi o que aconteceu comigo. Meu pai me perguntava e me fazia lembrar de tudo que vi na infância, e aí então me ajudava na prática, de como fazer uma casa, uma roça, e ao mesmo tempo me falava que caminho seguir na vida, e que atitude eu deveria ter diante dos mais velhos. Pedia pra que eu trouxesse lenha para os meus avós que moravam numa opy. Sempre me mandava participar toda vez que havia um trabalho comunitário, e assim os ensinamentos ficaram gravados na minha memória, e logo que me casei eu já construí uma casa e já sabia como andar na mata sem ter ninguém para me orientar



Remédios - *Poã*

Poã é aplicada nos meninos desde criança para ir desenvolvendo a sua agilidade, e, assim, praticando todos movimentos do *xondaro*.

Toda a comunidade pode usar esses remédios. Esses remédios são usados quando crianças, pois quando se é jovem ou adulto eles não fazem mais efeito. O uso desses remédios deve acontecer nos dias de lua nova, porque é nesses dias que tudo se renova.

De toda a comunidade os que mais usam esses remédios são os meninos. Os pais dos futuros *xondaro* usam os remédios quando sabem que seus filhos serão *xondaro*.

Os *xondaro* usam remédios para adquirir visão, habilidade, força etc, conforme cada tipo de remédio.

Alguns *xamoĩ* e *xejaryi* contaram que têm algumas variedades de remédios medicinais que ajudam a ser *xondaro*. Alguns avós contam que para *xondaro porã* não precisa desses remédios para ser valente. Se a pessoa se dedicar mesmo, ele adquirirá o conhecimento de *nhanderu kuery*. Quem precisa de remédio para ser valente é *xondaro poxy*. Mas alguns disseram que é preciso ter *poã* para ter agilidade, alguns desses *poã* são: a tartaruga ajuda absorver mais rápido as feridas; a tartaruga pequena do rio[11] tem seu coração engolido ainda batendo para que o *xondaro* resista na hora do ataque; ma*mangá*va ajuda na agilidade e na rapidez; *kyre'ymba*, outra abelha muito rápida também é usada como remédio; esquilo e *tangara'i* (ave *tangara*) são remédios muito importantes para o *xondaro*, eles servem para ter habilidade e para movimentar o corpo, deve-se usar a banha desses dois animais selvagens para passar nas pálpebras; do esquilo a gente também tira a pele da região dos olhos e a pele do corpo para fazer bolsinha para guardar pele que tirou da região dos olhos e sempre manter essa bolsinha na cintura; o gavião é usado para aperfeiçoar a visão, usa-se a gordura dos olhos do gavião para passar nas pálpebras; e assim por diante.

[11] Karumbe pytã.

Pesquisa de Alexandre Wera

Esse texto é baseado nas conversas que eu tive com Karai Divino e Cacique Nelson Caravalho em Espirito Santo, aldeia Mboapy Pindó (Três Palmeiras), em janeiro de 2013, e as coisas que eu lembrei...

Conversei sobre moã, o que os xondaro usavam para terem movimentos ágeis, reflexos apurados, sentidos aguçados.

Um desses moã é mamangá (mamangáva), que você pega em jaxy ra'y (lua nova) deixa ela te picar na sobrancelha e não pode matar, deixa ela voar, mas a agilidade que ela tem agora você também pode ter, mas para funcionar é preciso ter uma prática intensa e constante. Diz que é para ter boa visão, para ter movimentos rápidos e bom reflexo. E outro é kyre'ymba, essa abelha é difícil de pegar, porém sempre está onde nunca imaginamos, as vezes estão dentro da casa, ou podemos ver no caminho, enfim... É usado mais nas crianças, ou seja, os pais mesmo podem pegar essa abelha na lua nova também e deixar ela picar no joelho da criança para ela ser ágil, para quando tiver briga não ser pego facilmente, para ter movimentos precisos para escapar dos ataques. Mas é preciso praticar para aperfeiçoar a técnicas de defesa e ofensiva.

Mas como aperfeiçoar? Fazendo o que te pedem, sem responder, ou reclamar, acordar cedo, ter disposição para fazer exercer as atividades. Tem uma outra técnica para quando acordar e ter disposição para fazer qualquer coisa, que é quando acordar umas 05:00 da manhã, tem aquele orvalho que cai nas folhas de árvore ou até mesmo nas gramas você pega, ou seja, passar a mão e depois passar em seu rosto, se fizer isso toda vez que acordar, mas isso sempre antes de sol nascer, para não secar aquelas aguas que chamamos de yxapy, isso ajuda até mesmo para acordar de bom humor e ter bastante disposição (rete ha'e).

Xondaro

Sobre o *Xondaro*

A palavra *xondaro*, em geral, vem do povo guarani, é muito comum ouvir essa palavra entre nós. A cultura guarani é muito complexa e muito rica – por abranger vários elementos e rituais sagrados que são de grande importância para nós.

O *xondaro*, por exemplo, é um dos elementos da nossa cultura. Consideramos o *xondaro* como certa prática para guerrear, mas nem mesmo nós sabemos ao certo como defini-la. Para saber e entender algo sobre o *xondaro*, precisamos primeiramente estar próximos dessa prática, porque é vivenciando, observando e praticando que nós a aprendemos.

Xondaro parece ser uma palavra sem importância, mas se nos aprofundarmos na pesquisa, a palavra começa a ter vários sentidos e significados, vai ficando muito complexo e difícil de se entender, pois o termo *xondaro* é um conceito do pensamento guarani que se refere à dança, a uma função e a um modo de se comportar.

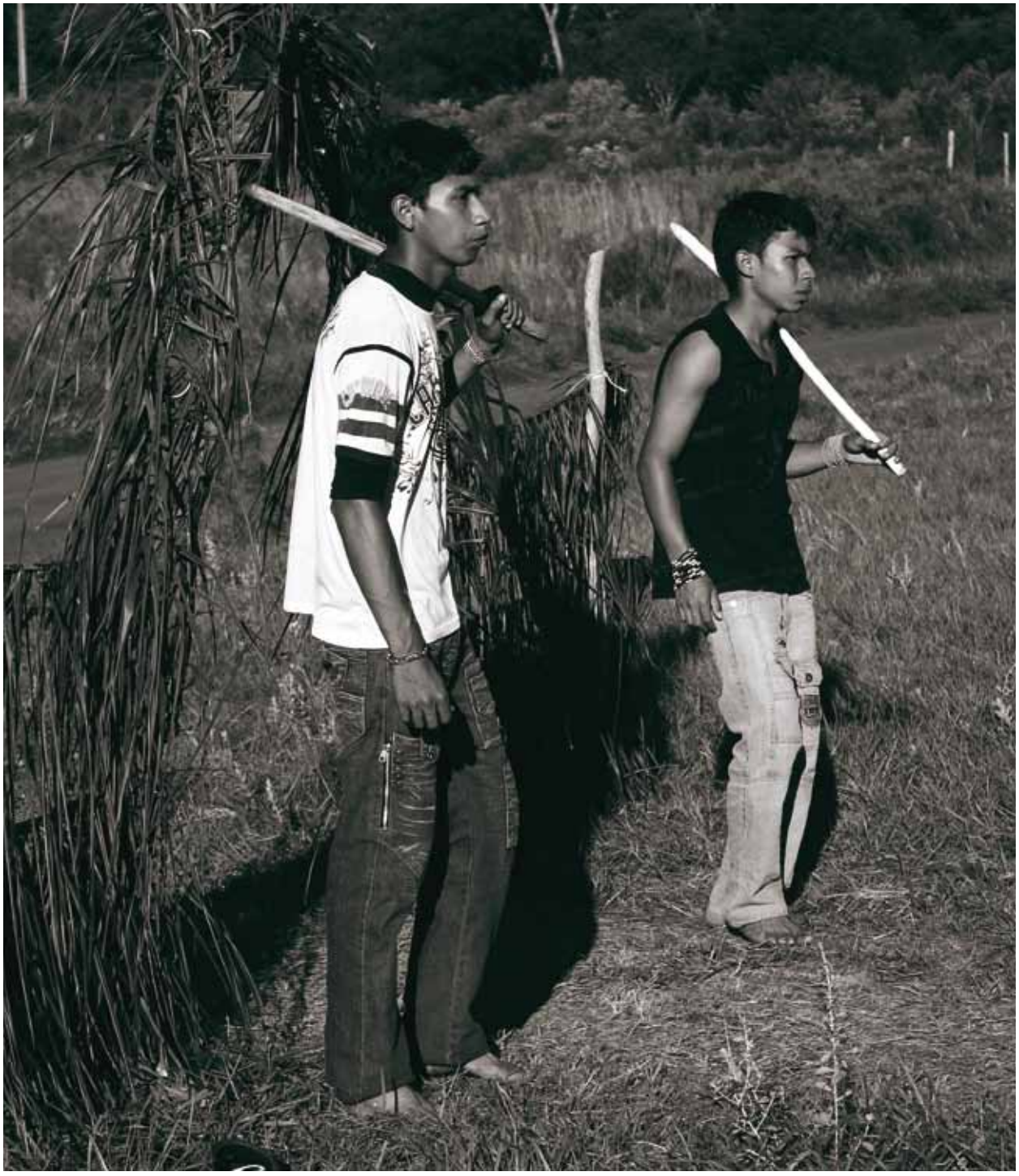
Tem vários motivos para essa dança ser praticada. *Xondaro* é uma forma de chamar os meninos que desde pequenos recebem ensinamentos e metodologias do mais velhos, pessoas experientes e sábios em geral. A dança em si ensina muitas coisas, como se defender, ter agilidade, estar sempre atento para tudo e estar disposto à tudo. Os vários movimentos ajudam a ter o corpo mais ágil e leve, e também a ter mais saúde, principalmente através do suor, que elimina as doenças e limpa a pessoa. Assim, ficamos mais alegres e mantemos nosso estado físico e espiritual.

Xondaro também ajuda a se preparar para a vida adulta, a sobreviver na mata, se salvando dos perigos. Para ser um *xondaro* requer muita disposição para prática, não só da dança, como das atividades cotidianas. A dança em si não quer dizer que os que estão dançando já são *xondaro*, para ser *kyre'ymba* tem de passar por várias etapas.

Kyre'ymba é uma abelha que tem agilidade, rapidez e é muito difícil de pegar. O significado dessa palavra é ser ativo, estar sempre disposto para tudo. Quando falamos do *kyre'ymba* podemos perceber que está se referindo ao *xondaro* que conseguiu a plenitude.

Mas a dança não define o *xondaro*, porque *nheovanga oka regua* (brincadeiras no pátio) são praticadas como uma forma de se purificar através do suor, independente da dança a pessoa escolhe se ele quer ser *xondaro*. Tem vários jeitos de se referir à dança, por exemplo: *nhevanga oka regua*, *nhombojaru*, *xondaro jeroky*, *tangara* etc.

Quando se fala *xondaro* sabemos que está referindo a uma pessoa, mas se falar *xondaro jeroky* está se referindo à dança. Mas a dança também tem outros nomes, na região sul do Brasil chamam de *tangara*, quando se fala esse nome a maioria entende como a dança do *xondaro*, mas em outras regiões *tangara* é o nome só da dança das mulheres. Os mais antigos chamam de *nhevanga oka regua*, brincadeira no pátio, enfatizando o lugar onde está acontecendo a prática do *xondaro*, nesse caso esse termo se refere mais ao exercício e à preparação, é a execução da dança puxa mais para brincadeira, para os risos. Esses risos não são de palhaçadas, mas sim de concentração e transmitem alegria para aqueles que estão assistindo. Dentro dessa brincadeira também uma preparação envolvendo os movimentos, saltos e esquivas para não ser pego facilmente.



Instrumentos

Essa dança é composta por pessoas e instrumentos, como violão (*mbaraka*), rabeca (*rave'i*), chocalho (*mbaraka mirĩ*) e tambor (*angu'apu*). Os tocadores também são específicos para cada instrumento, porque a dança tem que ocorrer de acordo com sons dos instrumentos, que começam lentamente para que os praticantes comecem a se aquecer. Quando o som fica mais rápido, os *xondaro* também já apertam os passos e começam a dar gritos de guerra.

Dizem que tem dois tipo de som padrão para tocar quando se vai dançar *xondaro*. O som em si também ajuda o *xondaro* a ter gingado, assim o *xondaro* vai tendo corpo leve. Os instrumentos que foram citados formam um conjunto padrão para dar o som da música do *xondaro*. É muito comum o mestre ter um instrumentos em suas mãos, pode ser *popygua* ou *yvyra raimbe*[13] , no qual ele faz obstáculos por onde os dançadores têm que passar. Tem ensinadores de *xondaro* que não usam nenhum instrumento e utilizam o próprio corpo como obstáculo. Um por vez deve pular, se agachar e desviar dos obstáculos.

O *popygua* é um instrumento que dá a segurança quando se está dançando, para se defender dos ãgue[14] que possam atacar o corpo do *xondaro* de repente.

O *petyngua* (cachimbo) – é usado antes e depois da dança. Antes porque é preciso meditar, para que enquanto se dance nada de ruim aconteça, e depois para descansar o nhe'ẽ e pedir para *nhanderu kuery* para manter o sentimento do *xondaro*.

Mas o *xondaro*, segundo os mais antigos, não é só a dança, é também uma função que algumas pessoas exercem na comunidade. Há vários tipos de função, por exemplo: *opy regua, oka regua, pyrague*... O *xondaro* tem que auxiliar nas demandas do *opy*, cuidar da aldeia e assim por diante, ajudando em todas as atividades da comunidade. Na entrevista com Eduardo Silva (Nênê), ele fala que a definição do *xondaro* seria *tembiguai kuery* (auxiliares), aqueles que cumprem as demandas da comunidade.

[13] Bastão de madeira que se usado pelos *xondaro*.

[14] *ã-* é sombra; *-gue* passado. *Ãgue* é a sombra que fica na terra das pessoas que morreram.

Kyre'ymba reko

Kyre'ymba oiko aguã maje xondaro uvixa ae oiporav raka'e, oiko ratãve va'e ha'egui oĩ avi poã omombaraete ha'e oiko atã-atã aguã. ha'e hexa pyxo, ivevui aguã pegua avi, oĩ avi raka'e poanomba rive.

Va'eri xondaro ruvixa oiporavo va'ekue ramo kyremba oiko vy, ha'e guvixa kuerery oipytyv' arupi oiko, ndoikoi ojerovia' arupi rive.

Tipos de função do *Xondaro*

Apresentação

Como vimos anteriormente, a prática da aprendizagem – acontece no núcleo familiar. Conforme a pessoa vai crescendo e praticando suas funções, vai adquirindo conhecimento e mudando seu comportamento e jeito de pensar. Com isso os *xondaro* vão crescendo na vida, cada um com suas funções e com os hábitos da cultura. A decisão de se vai ser *xondaro porã* ou *xondaro poxy* para exercer atividades na aldeia é tomada espontaneamente. Mas independente da função, todos devem estar preparados para tudo que possa acontecer na aldeia.

Há vários ensinadores para cada etapa. Cada grupo tem seu próprio ensinador, os mais avançados praticam com mais rapidez a dança, os obstáculos e ataques são mais difíceis. E assim é feito a formação dos *xondaro*, não importa para qual objetivo.

O ensinador tem várias formas de chamar alguém no círculo: ele pode gritar "*mamo xerovai rã?*", ou seja, ele pergunta "onde está meu adversário?", e aquele que disser "*Apy!*" ("Aqui!") em seguida entra no centro do círculo; o mestre também pode apontar a pessoa que deve entrar na roda, ou só provocar o adversário escolhido. O mestre fala que tipo de ataque usará, aí então ele usa ataques de sua preferência para o qual é preciso ter agilidade, rapidez e do qual deve se tentar escapar de todas as formas possíveis. E assim é feito a aprendizagens tanto do *xondaro porã* como do *xondaro poxy*.

Xondaro Porã

É aquele que fica atento à comunidade, ajudando os *xeramoĩ*, atendendo às necessidades da aldeia como trazer lenha, caça, pesca, entre outras atividades.

Na medida que o *xondaro* vai crescendo com conhecimento, também pode dar conselhos aos mais novos: como tratar os mais velhos, ter respeito ao próximo e ter bom comportamento; porque isso influencia muito na educação e no comportamento dos mais jovens.

Xondaro Poxy

É um *xondaro* que se envolve mais com os problemas da aldeia, evitando situações desagradáveis – que possam acontecer, tais como: brigas, violência contra mulheres etc. Ele vai intervir nessas situações.

São os *xondaro* que, em suas ações na comunidade *Mbya*, se colocam à frente nas batalhas, com o propósito de matar ou morrer pelo seu povo. Esses eram enviados para os enfrentamentos com os inimigos. Contudo, esses também participavam de outros momentos bons dentro das aldeias, pois eram também pais de famílias, eles somente recebiam ensinamentos diferentes que os deixavam um pouco mais inquietos, pois sempre tinham que ficar com mais atenção nas aldeias.

Comparação

Xondaro porã é mais ativo, interage mais com as pessoas, conversa mais com todo mundo independente de ser homem, mulher, jovens ou mais velhos.

Xondaro poxy é mais quieto, mais solitário, fica mais reservado.

Xondaro porã e *Xondaro poxy* não se misturam devido às diferenças do comportamento, da maneira de ser e de pensar.

Por que ter bom comportamento é importante? Para ter melhor entendimento. Tendo bom comportamento se evita brigas, discussões, desentendimentos, e também se aprende a lidar com situações de conflito. Os *xondaro* assim ajudam a manter a aldeia através das atividades que eles fazem.

Antigamente havia mais conflitos na disputa de territórios entre povos de diferentes etnias. Nesses tempos, os *xondaro poxy* eram mais preparados para proteger sua comunidade.

Hoje em dia os *xondaro* existem, mas não com a mesma intensidade. O *xondaro poxy* se destaca quando ocorrem problemas, ou quando acontecem grandes encontros. Podemos destacar que o *xondaro poxy* é aquele que tem como função estar atento à qualquer problema que possa ocorrer.

Atualmente chamamos *xondaro poxy* aqueles que cuidam das situações da aldeia como: conflitos entre as pessoas da aldeia, brigas, desrespeitos e que está atento à comunidade e ao cacique, quando o cacique sai para falar com os *jurua kuery*.

O *xondaro porã* é aquele que está mais próximo dos *xeramoĩ* e da comunidade. *Xondaro porã* é também aquele que fica nas aldeias e cuida das comunidades, aconselha as crianças, ajuda seus pais na plantação de mandioca, milho, batata e na preparação das terras.

Xondaro porã atualmente ainda é visível nas aldeias. Podemos dizer que os *xondaro porã* também estão presentes na área política, defendendo o interesse do seu povo. Como o Marcos Tupã falou: "Mesmo eu não praticando a dança do *xondaro*, me considero um *xondaro* porque eu defendo minha comunidade, meu povo e minha cultura". Com essa fala podemos podemos concluir que ele é um *xondaro porã*. Ele briga sim com os *jurua kuery* para defender nossa cultura, mas ele não está ali para agredi-los, mas sim conseguir benefícios para o povo guarani.

Experiência de Vladmir com os Xondaro Poxy

No início, pensei que o xondaro era apenas uma dança. Depois dessas pesquisas descobri que o xondaro é muito complexo. Aprendi muitas coisas, mas ainda é muito pouco para que o xondaro é.

Aprendi que o xondaro tem diversas funções, como: xondaro opy regua, xondaro oka regua, xondaro pyrague, xondaro vai, xondaro porã, xondaro poxy, etc. Também descobri que o xondaro é chamado de tangara em outros lugares.

Na reunião de Ko'enju, Alvorecer (RS), eu vivenciei um momento com os xondaro poxy. Foi na recepção da chegada do pessoal da FUNAI. A gente estava com a cara pintada e com yvyra raimbe (borduna) na mão. Enquanto os outros xondaro traziam o pessoal da FUNAI, a gente ficava mais na frente, sendo conduzido pelo Pedro Vicente, dando gritos de guerra e dançando. E quando a FUNAI chegou no okë (portal de folhas de pindó) que o Pedro Vicente tinha feito, eles tinham que falar aguyjevete (saudação espiritual) para os xondaro que estavam ali no portal. Quando todos passaram pelo portal de pindó, ainda tinham que passar por nós, que estávamos de caras pintada, bravos, borduna na mão, gritando e olhando atentamente nos olhos dos jurua da FUNAI. Nós, xondaro, fomos acompanhando os jurua com gritos, batendo a borduna no chão, até onde eles iriam ficar. Depois de acompanhar os jurua, voltamos aos nossos lugares para continuar ouvindo à reunião.

Esse foi o momento que eu senti no coração, ninguém tinha me chamado para fazer a recepção. Não tinha como eu não participar do que é da minha cultura.

Esse bem cultural é muito importante para nós guarani, porque é com esse documento que ganharemos mais respeito e reconhecimentos da nossa cultura na sociedade dos jurua kuery.

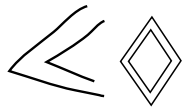
Tenho muito orgulho de ser guarani!

Xondaro opy regua ha'e oka regua

Xondaro oka regua e *xondaro opy* regua são algumas das função exercidas pelos *xondaro*. Essas funções podem ser revezadas, pois o *xondaro* é para tudo. Assim, não é necessariamente uma especialização de cada pessoa, essas duas funções podem ser feitas por todos os *xondaro*.

Oka regua é a função de ajudar nas tarefas comunitárias, como nas roças, trazer lenhas pros *xeramoĩ kuery*, trazer agua, etc.

Opy regua é a função de ajudar nos afazeres da casa de reza, por exemplo: ficar de porteiro, buscar lenha para fogueira, servir o chimarrão para os mais velhos, e principalmente ficar do lado dos *xeramoĩ kuery* na hora do ritual de cura.



Xondaro opy regua, oka regua ha'e gui xondaro py rague

Xondaro opy regua kuery ma oike opy'i re opita`i va`e kuery oike e'yre, ha'e rami vy oike okuapy ma ramo omboguapypa'i. Ha'e vy ma onhangareko-reko ha'e kuery ranhe xamõi kuery opita`i okuapy jave-jave`i. Xondaro kuery ma ovyvoi, tembiguai oiko, na'inhate'yi, yy re oo onhapy. Opy'i re oike e'y reve xondaro py ojeroky ka'ary'i ramo ve oike aguã ikyre'y reve, ndaopeyi agua ha'egui ha'e va`epy ovy'a okuapy aguã. Xondaro opy regua ma opy re anho'i ikuai, onhangareko kyringue re, nhaneramoi kuery re onhangareko avei opita'i ramo, xondaro opy'i re oporaei he'y'i re okapy kyringue omoe ha'egui ma xondaro oka regua ju onhangareko na'i tongorei aguã. Ha'ejavi oembama ramo, opu'ã'i va'e ra nda'ipovei ma ramo ko'erai'i ma jave ovy'a xondaro py ko'emba peve. Opita'i okuapy ranhe ha'egui opu'ã vy ma oe opytu'u aguã. Ha'e aguã ae maje opy re oike. Xondaro py ojeroky aguã ma oeka'ra xondaro oka regua.

Xondaro oka regua

Oka regua ma oiko oka rupi rive, ndoikuei opy'i re ha'egui oiko pytu ha'ejavi re... nhombovy'a ha'e nhomboaty opamba'e re oikuaa pota aguã... Xondaro py ojeroky aguã ha'e kuey oeka, ha'etei ha'e ae py opena okare. Ha'e rami ma oka regua ikuai pyavy onhangareko ha'egui ara py avei onhangareko, oenoi xondaro pyrague avei... Xondaro oka regua ma opy re ndoikei, nhaneramoi kuery opu'ã'i ma ramo opy roka re ojere, nai'airivei ojeroky oiko vy. Opy'igui oemba ma ramo ae ma xondaro oka regua kuery jogueroi ke opyta'i aguã, xondaro py ovy'a ta ma ramo ha'e kuery ae ma jaeka okaygua. Ha'e vy ma ombo'e xondaro miri kuery. (Ay ma ojeroky ta opy guaxu roka re), he'i ramo ha'e va'e ae ma nhomboaty pa, xondaro miri kuery ha'e rami aguã ju xondaro oka regua ikuai, opamba'ere varã matavy ha'e kuery. Opy re oi va'e ma ha'e py joguero'a pa he'i ramo ndooi nda'evei oo aguã, ha'eva'e py opita'i ju oiko ha'era okare ikuai va'e ma opamba'e re varã ae ma ikuyre'ymba. Ha'e rami nhande kuery opy'i re nhandekuai va'e re ae ma onhangareko.

Xondaro Pyrague

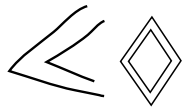
Xondaro pyrague é aquele que está sempre à frente dos outros *xondaro kuery*, quando tem encontros em aldeias diferentes. Ele vai na frente ver o lugar para as pessoas ficarem. Ele que traz e leva as informações de outras aldeias. Observa tudo o que está acontecendo ao seu redor e sempre está observando as pessoas sem que elas percebam. Tem a ordem de contar para os *xondaro* oka *régua* tudo aquilo que ele vê.

Ele é o primeiro a saber se alguém da comunidade vai se transformar em seres da mata. Se a pessoa está sendo seduzida por espíritos enganosos ele vai comunicar. As pessoas que estão sendo seduzidas ficam nas mãos dos *xondaro* e *xamõi* e eles cuidam dela para que ela não se entregue a esses espíritos enganosos.

Os *xondaro pyrague* observam de longe a pessoa que foi pra floresta, cachoeira ou em qualquer lugar sem avisar a mãe. Eles vão atrás e o que eles descobrirem eles vêm contar. Especificamente eles são para isso, contar o que sabem.

Conversa com os Avós por Alexandre

Hoje conversei com meus avós Bonifácio Ferreira Karai Nhe'ery e Miguela Escobar Ara Poty, sobre um pouco de tudo. Contaram que o nheovanga oka regua foi nhanderu que deu esse conhecimento para dançar e praticar. E aquele que chamamos de xondaro jerovia (xondaro soberbo) não é que não tenha conhecimento, mas não é um conhecimento de nhanderu kuery, mas sim de yvy regua kuery (dos habitantes da terra). Mas aquele que é xondaro oka regua não precisa se tratar para ser valente, ele adquira todo o conhecimento que ele precisa vem do nhanderu e não do moã.



Xondaro Pyrague

Xondaro pyrague ma nderexai`ra oiko ramo va'eri ha'e ma nderexa`rã pyavy teĩ, ha'e nderakykue rã oiko, omemby kuery ndoguereko kuavei ma ramo xondaro peteĩ va'e gui omondouka rã haky kue onhangareko aguã, oo rive he`y ramo ojepota aguã py guive ovae ra. Ha'e oikuaa ha'e rami guapy ojou ha'e kuery xondaro pyrague, oo a'i py oo rã oma'e mamo pa oo jepi ha'e ja onhangareko rã ha'e onhemi mombyry'i ha'e oexa va'erã ime xivi oexa vyma ou omombe'u ixy kuery pe, ha'egui ma ixy kuery omombe'u xamoĩ kuery peju oka regua ae mba'emo re oikua pota aguã opamba'e teko re ramo onhagareko tekoa re....

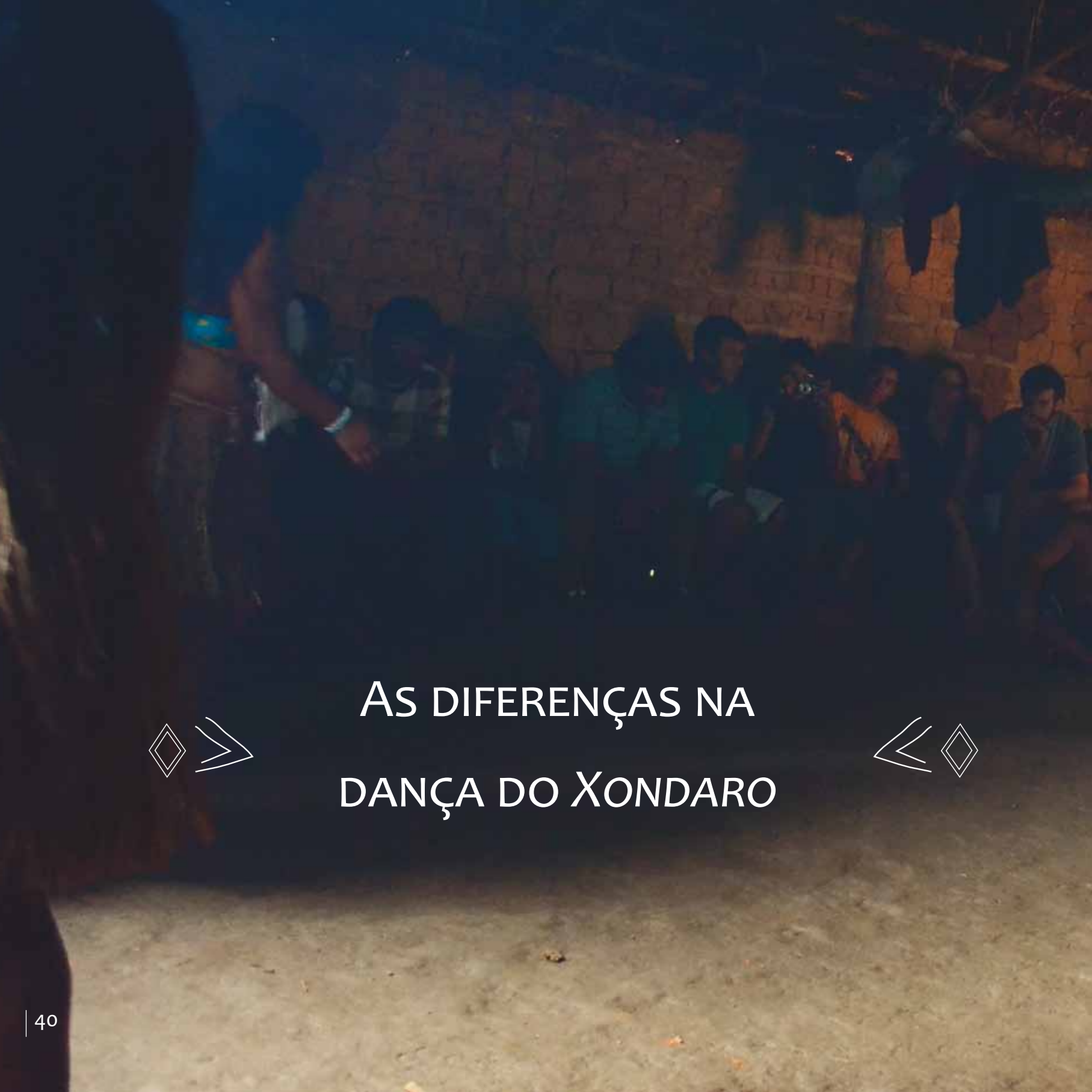
Xondaro opyregua xondaro mirĩ kuery pe ombo'e oiko aguã ko'e nhavo, ombovy voi ombojau voi'ire na'inhate`yi aguã ombojeroky, ha'e rami ikyre'y aguã onhembo'e ha'egui xondaro oiko aguã, ovixa'i rami oiko aguã.

Dia 07 de abril de 2013,

Aldeia Ko'enju, por Alexandre

Hoje começou a chegada do pessoal no tekoa Ko'enju, São Miguel das Missões-RS, para assembleia geral da comissao guarani yvyrupa (CGY).

A recepção do pessoal foi muito bonita, todo mundo empolgado e cheio de energia para executar as atividades. A recepção foi feita como acontecia antigamente: todos vinham em fila dançando em direção ao pessoal para dar aguyjevete (saudação espiritual), uma forma de se chegar com respeito e demostrando que veio em paz. Para fazer essa saudação é preciso ter conhecimento de como executar e de como chegar. Quem faz acontecer essa saudação é, principalmente os xondaro. Tem xondaro que fica atento para fazer fila e levar o pessoal para dar aguyjevete, tem xondaro que fica atento se todos estão dançando e correndo...



As diferenças na dança do *Xondaro*

Vendo vários tipos de dança de *xondaro* notamos que há diferenças, como os modos que o *xondaro ruvixa* ensina os seus *xondaro*, os passos de alguns são mais lentos, de outros são mais rápidos...

No caso dos *xondaro* de Guaira, eles dançam e fazem ataques rápidos por causa dos conflitos que acontece na região do Paraná. O jeito de eles dançarem é diferente, eles não fazem a roda, também não usam *mbaraka* (violão) e *rave'i* (rabeca), só dançam ao som de *mbaraka* miri (chocalho). Já outros *xondaro kuery*, das aldeias de São Paulo, usam outros instrumentos e dançam em círculo, fazendo o aquecimento primeiro. Os de Guaira dançam direto, sem fazer o aquecimento. Na aldeia Tenonde Porã os *xondaro miri* começam a dançar primeiro e em seguida vem os jovens, os mais velhos e no fim é a vez das *xondaria*. Na aldeia de Koenju (RS), o *xondaro ruvixa* usa apenas o *popygua*'i e o jeito deles dançarem é bem mais lento, com os passos curtos, enquanto as *xondaria* ficam dançando em volta dos *xondaro*.

Tem danças em que alguns *xondaro* ficam em volta dançando, outras em que eles ficam esperando para serem chamados para ter um ensinamento com o seu mestre (*xondaro ruvixa*).

Tem também vários tipos de aquecimento, como: pular, se esquivar, se abaixar, etc. mas em algumas aldeias não se faz o aquecimento. O aquecimento é necessário para que a pessoa ou *xondaro* se sinta mais à vontade na dança e todos esses tipos de aquecimento – nós aprendemos observando o *xondaro ruvixa* para depois dançar e mostrar melhor o que aprendemos para todos. Apesar das diferenças, em todos os lugares observamos que ao fim da dança se dá *agyjevete* (saudação espiritual) para todos os presentes

Xondaria Regua

A dança das *xondaria* (das mulheres que são *xondaro*) era muito frequente antigamente, hoje em dia é mais difícil de ver.

A dança das *xondaria* variam muito de acordo com as regiões ocupadas pelos guarani. Por isso que necessariamente não se dança tudo igual: há danças mais lentas e outras mais rápidas. Por exemplo, na aldeia Ko'enju, no sul do Brasil, as mulheres não têm uma líder das *xondaria*, elas apenas dançam com a própria vontade, e não há a necessidade de uma *xondaria* responsável no costume dos guarani desta região. Nessa aldeia se dança com passos curtos, e a cada grito do violino elas giram uma ou duas vezes, com uma mais velha puxando em volta da dança dos homens. Não tem ataques, mas essa dança ajuda a ter agilidade e rapidez para fazer atividades cotidianas e também para ter disposição.

Na aldeia Rio Silveira Litoral (SP), existe uma *xondaria ruvixa*. Elas têm o seu próprio momento de dançar, elas não dançam junto com os homens. A dança das *xondaria* nessa região e muito parecida com a dança dos *xon-*

daro, elas fazem quase os mesmos movimentos que os *xondaro*. Um dos ataques específicos das *xondaria* é o de puxar o cabelo. Para fazer esse ataque a *xondaria ruvixa* chama ou demonstra com algum gesto que uma determinada *xondaria* deve entrar no meio da roda. A *xondaria* que foi chamada terá que desviar do ataque. Esses movimentos são para ter rapidez e agilidade para fazer as tarefas da aldeia, como: cozinhar, buscar agua, andar no mato...

Outra dança é o *tangara*, que imita um pássaro que se chama *tangara*, que é muito ligeiro e muito difícil de ser pego.

Tangara

Atualmente o *tangara* é como é conhecida uma dança feminina que também podemos considerar como *xondaria*. O *tangara* é um pássaro que faz movimentos harmônicos e graciosos, antigamente os homens não dançavam muito o *tangara*, mas hoje em dia se tiver vontade também pode.

Existem dois tipos de *tangara*: *tangara joaxa-axa va'e* (*tangara* cruzado) e *tangara oguyro-guyro va'e* (*tangara* passando por baixo). *Tangara joaxa axa va'e* é dançado com duas fileiras de *xondaro*, uma de frente para outra, quando a velocidade do ritmo do *mbaraka* aumenta os *xondaro* trocam de posição, passando de um lado para o outro e com pulinhos. O *tangara oguyro-guyro* é dançado em duas fileiras com no mínimo duas *xondaria* atrás e uma na frente, as *xondaria* de traz vão para frente com os braços abertos, a *xondaria* da frente se agacha passando por baixo e volta por cima com os braços abertos, enquanto as outras voltam por baixo.

O *tangara* acontece mais frequentemente no *ara pyau* (no tempo novo), em comemoração à renovação da vida.

Manga Reko

Os *xondaro* praticavam *manga* (peteca) para ter flexibilidade na hora da dança, porque quando se joga *manga* precisa ter muita agilidade e velocidade. Por esse motivo essa prática é usada antes da dança do *xondaro*. Na dança há outros movimentos que são usados, como os movi-

mentos que podemos chamar de pulos do sapo, que são feitos em círculo e agachados. Todos esses movimentos se incluem na dança, porque o seu objetivo é deixar os praticantes bem ágeis e fortes. Sempre tem um mais velho para ensinar os movimentos. Por exemplo, o ensinador chama uma pessoa por vez onde é preciso se esquivar, pular e se abaixar para escapar do seus ataques.

O objetivo dessas atividades, em geral, é para ter um bom comportamento dentro da comunidade, como: receber ordens pra colher lenha na mata, ficar como porteiro na *opy* na hora da reza, para saber como andar no mato e ficar bem atento com os perigos, para saber caçar, pescar, fazer armadilhas... A dança do *xondaro* tem muito a ver com alegria e com a espiritualidade de cada um dos membros. Dançamos para fortalecer o espirito.

Xondaro e sua ligação com as divindades

Xondaro e as dividades celestes

Os conhecedores falam que a dança do *xondaro* é uma forma de mostrar que estamos em sintonia com os *nhanderu kuery* (as divindades), porque os nhe'e *kuery* que estão nas moradas do nhanderu ete[16] estão dançando no pátio da *opy* dele. Por isso, nós fazemos o mesmo que os *nhanderu kuery*, para mostrar que não esquecemos de onde viemos.

Os *nhe'e kuery* vêm de várias moradas. Alguns vêm do *tupã*, *tupã xondaro, karai mbaraete* etc. Como dizem, todos viemos com uma prática para exercer aqui nessa terra, mas cada um tem a sua função de acordo com a morada de onde vem. Uns vêm com a prática de tocar *mbaraka* (violão), outros de tocar *rave'i* (violino), outros vêm para praticar a dança como praticavam em sua morada, tem outros que vêm somente para servir o *karai opy regua* (pajé, rezador) e assim por diante.

Mas o *xondaro* não é só uma dança, também é uma ligação forte com o mundo espiritual. Por meio da dança é possível alcançar o fogo celeste[17] das divindades, onde a pessoa entra em transe. Mas para alcançar esse fogo celeste, quando se está no meio de uma dança, é preciso elevar os pensamentos até chegar a uma divindade maior. Nesse momento a pessoa perde por completo a sua consciência, após esse transe não se lembra de mais nada, então acontece o fortalecimento. Mas como somos imperfeitos, as vezes acabamos enfraquecidos pelos maus espíritos[18].

Os *xondaro* se fortalecem espiritualmente através da dança. Eles não só dançam, como também praticam as atividades cotidianas da aldeia. Mesmo tendo muitos *xondaro*, só alguns irão dançar, pois cada um tem seus pensamentos e suas vontades. Poucos têm vontade de dançar, praticamente cada um tem suas características, sua agilidade e jeito de ser.

Na dança é preciso ter contato com *Nhanderu Kuery* para deixar o corpo elevado e quando o corpo fica vulnerável é preciso tomar água morna ou chimarrão para cuidar do corpo.

---

[16] *Nhanderu ete* é aquele que criou a Terra.

[17] *Tataendy marã'e'y* é o fogo celeste que limpa as pessoas espiritualmente.

[18] Estamos chamando de maus espíritos uma serie de guardiões de bichos e de estados da pessoa que estão na terra, por exemplo: *ate'yn ja* "guardião da preguiça", *mboxy ja* "guardião da raiva", entre outros, são o que nos enfraquecem quando entram no nosso corpo. Estamos sempre com algum desses guardiões no corpo, por isso que as vezes deixamos de fazer algo bom para fazer outra coisa. Só não podemos deixar que eles se apossem de nosso *nhe'e*, para que não nos enfraqueçam por completo.

Nhaderu Kuery

Papa tenonde foi quem gerou a terra perecível, depois é que vieram os *xondaro* dele, que são: *Tupã ru hete, Karai ru hete, Jakaira ru hete, Nhamandu ru hete, Jekupe ru ete* e cada um deles também tem os seus *xondaro*.

Cada um desses *nhanderu kuery* tem suas características. *Tupã ru ete* é um dos cuidadores da terra através da chuva. Conforme a maneirs\a como ele vê as coisas, as vezes vem a chuva mais forte, com relâmpagos e trovões. *Nhamandu* cuida mais da parte que ilumina o universo, enquanto ele ilumina a terra, também cuida de nós, imperfeitos.

Conforme Pedro Vicente contou, as moradas dos *Nhanderu Kuery* são:

Papa Tenonde Ipo`akapa va'e
Tupã Ruete
Tupã xondaro
Jepovera Reno'aa Kuery
Jakaira Ruete
Nhamadu Ruete
Karai Ruete
Karai Xondaro´i Kuery

Aquele que foi enviado por *tupã Ruete* é mais ativo, mais brincalhão, inquieto. Aquele que faz mais bagunça, mas tem sua missão aqui na terra que é ser *xeramoĩ*, *xondaro* ou outras coisas.

Aqueles que foram enviados pelo *tupã xondaro* são as crianças chamadas de: *tupã mirim* e *wera mirim*, que são mais medrosas e se assustam facilmente, mas que podem dançar *xondaro*, apesar de nem todos serem assim.

Jekupe e *karai Ruete* enviam algumas crianças para serem *xeramoĩ* ou para serem aquele que reza também.

Papa Tenonde é quem envia mais crianças para os *xamõi* descobrirem e revelarem os nomes das crianças *Jeguaka ruete*[19].

[19] Uma das divindades.

Papa Tenonde Ipuaka Pa Va'e

Tupã Ruete, é aquele que cuida da terra, e manda seus filhos para trazer a chuva. Quando são as crianças que fazem a chuva, ela é mais perigosa, elas nem querem saber, mas quando os mais grandinhos fazem a chuva ela é mais calma, eles já são mais cuidadosos.

Nhanderuete é de onde saem os cantos sagrados, algumas vezes ele também envia crianças para serem *xeramoĩ*.

Jakaira Ruete e *Jekupe ndojepovuive* são aqueles que não escolhem em quem vão soltar fumaça do *petyngua* (cachimbo), soltam sobre qualquer corpo. São um pouco inquietos e brincalhões também.

Mba´e mboyvytua Ruete é aquele que solta a fumaça do *petyngua* sobre o corpo da pessoa que está doente sem gravidade, ele pede para que *Nhaderu* tirar toda a doença, mas ele mesmo não tira nada do corpo para mostrar ao doente e mesmo assim a dor vai acabar.

Karai Ruete escolhe em quem vai soltar a fumaça do *petyngua*.

Conforme seu Pedro Vicente explicou, isso foi o que veio no coração dele na hora em que conversávamos, esse não é todo o conhecimento que sobre os *Nhanderu kuery*, também não é o único conhecimento, cada um tem o seu conhecimento e concentramento sobre *Nhanderu kuery.*

O *Xondaro* e a espiritualidade

Ser *xondaro* tem relação com os nomes, com as moradas dos *nhanderu kuery*. Mas nem todos que são enviados para terra perecível são para ser *xondaro*. Como os mais velhos dizem, estamos aqui na terra e o que os espíritos fazem na morada celeste tentamos fazer aqui na terra: alegria, falas boas, força, saúde, coragem etc, tudo isso está na morada de *nhanderu kuery*, mas lá é *marae'y*, ou seja, não se acaba, já na terra tudo dura pouco.

Existem várias moradas celestes como *tupã, karai, nhamandu*, que nós guarani chamamos de *amba*. *Nhande amba* (nossa morada celeste), onde vivem todos os *nhe'e kuery* dos guarani, é como se fosse uma aldeia onde há os principais núcleos celeste: *tupã ru ete, karai ru ete, nhamandu, jakaira* e nesses núcleos existem os *xondaro* e *xondaria*. Quando *nhe'e* é enviado a *yvy rekoaxy* temos que passar pelo *nhemongarai* para ter o nome revelado e saber de qual morada viemos. Cada nhe'e leva consigo o nome da morada de onde vem e também recebe um sobrenome para identificar o jeito de ser da pessoa, que está relacionado aos *xondaro* de cada divindade, por exemplo: *tupã mirin, wera poty, karai tataendy, kerexu mirim, ara poty* e assim por diante. Cada nome tem relação com a personalidade de cada um, podendo indicar se tem mais tendência para ser *xondaro porã* ou *xondaro poxy*.

[20] É a terra onde estamos atualmente, pois quando morremos voltamos para o nosso *amba* (a morada celeste). Nessa terra nós convivemos com a dor, estamos vulneráveis às doenças e à morte corporal. Aqui nada se consegue sem esforço e sofrimento, passamos frio, fome, sede... Por isso vamos traduzir *yvy rekoaxy* como terra perecível, onde tudo estraga.

[21] São vários tipos rituais que celebram a chegada e o fim do *ara pyau* (tempo novo). São nessas ocasiões que os *xeramõi* revelam os nomes das crianças.

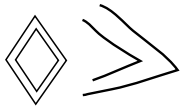
A Pesquisa de Kerexu

No quarto curso que aconteceu aqui na aldeia Krukutu vivi uma experiência muito boa em relação ao modo de conhecimento guarani sobre o xondaro. Numa noite houve a dança do xondaro na opy, com o xondaro-ruvixa Wera Sílvio, um dos pesquisadores. Fiquei muito feliz ao ver as crianças dançando, os mais velhos ainda estavam sem vontade de dançar, mas na noite seguinte os adultos também se animaram e se juntaram e todos dançaram juntos. Depois daquela emocionante noite me veio uma curiosidade enorme sobre o conhecimento. Tinham crianças de 4 a 9 anos daqui da aldeia que praticamente vi crescerem, e nesse período eu não tinha mais visto a pratica do xondaro aqui na aldeia Krukutu, inclusive meu irmão caçula de 10 anos.

Minha curiosidade era: "como as crianças sabem dançar o xondaro sem nunca ter visto antes?". Eu vi aquelas crianças dançando tão bem, com uma sintonia inexplicável que me deixou muito emocionada. Para tentar esclarecer essa minha curiosidade eu pensei em fazer umas perguntas para alguns meninos, "Onde eles tinham visto o xondaro?". Primeiramente perguntei para o meu irmão Kuaray se ele já tinha visto a dança do xondaro antes, ele me disse que sim, perguntei onde ele tinha visto, mas ele não soube me responder, ele apenas disse que já tinha visto, mas não sabe onde. Isso aumentou mais minha curiosidade, então eu perguntei para meu tio e ele me disse que todos sabem dançar o xondaro porque eles já tinham praticado no "nhande amba" de onde viemos todos. Ele me disse também que todos os meninos sabem que o xondaro existe, mesmo nunca tendo visto a dança do xondaro na Terra, eles já tem isso dentro de si, eles apenas precisam relembrar. Então me dei conta de que não iria adiantar perguntar para as crianças, porque elas não saberiam responder.

Esclareci uma parte da minha curiosidade, pelo que eu entendi já nascemos com o conhecimento do nosso povo, apenas praticamos o que sabemos desde sempre. Por isso que o fato de hoje em dia os índios serem modernos, não quer dizer que perdemos nossa cultura, nossa cultura estará sempre dentro de nós.

Experimento de tradução



Apresentação

No penúltimo curso de formação da turma de pesquisadores, a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) foi apresentada à equipe de jovens guarani, na presença de algumas lideranças e *xamõi kuery*. Nesse processo, o primeiro passo para pensar o preenchimento de uma das fichas do INRC, ou seja, para organizar as informações da pesquisa de acordo com as formas apresentadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foi a discussão acerca de em qual das cinco categorias de bens culturais o xondaro poderia se encaixar.

Foi um grande esforço coletivo de discussão e tradução de todos os envolvidos. Passamos primeiro para o entendimento dessas cinco categorias (celebrações, ofícios, formas de expressão, lugares e edificações) e como elas estavam atreladas a um conceito de cultura e à política desenvolvida pelo Estado. O passo seguinte foi uma discussão feita hora em guarani, hora em português, para pensar a melhor possibilidade de expressar o *xondaro* para que os *jurua kuery*.

Diante da complexidade do *xondaro*, não foi possível restringí-lo a uma única categoria. Concluiu-se que seria preciso recorrer à três categorias do IPHAN para falar sobre o *xondaro*. É parte desse exercício de tradução e descrição do *xondaro* por meio de categorias externas à ele que se segue.

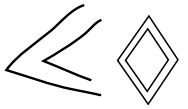
Celebrações

As nossas celebrações são modos de agradecimento à *nhanderu kuery*, nós celebramos – pelo *ara pyau*, pela vida e pelo fortalecimento espiritual. O *xondaro* é dançado para agradecer e mostrar para os *nhanderu kuery* que nos lembramos sempre deles e agradecemos por essa vida, pela alegria e pela saúde. Nós dançamos *xondaro* não só por dançar e para mostrar, mas também para pedir fortalecimento para nós e para as crianças. O *xondaro* é algo sagrado, ligado a espiritualidade.

Na dança, não falamos, mas é um jeito de pedir à *nhanderu kuery*. Nós pedimos em nosso coração, dançando. Usamos também essa sintonia quando não sabemos como curar uma criança doente.

Mbaraka miri, tukumbo, popygua, etc. nós tocamos para *nhanderu kuery*. Quando se estoura um *tukumbo* (chicote), a gente está se expondo para o *nhanderu kuery*, todas as coisas que são *mba'epu marae'y* (instrumentos sonoros que não se estraga, não se acabam), *popygua*, todos esses instrumentos estão no *amba* de *nhanderu.*

Quando dançamos o nosso espirito se fortalece porque ele entra em sintonia com *nhanderu kuery*, enxergando a morada sagrada. Essa dança não é feita para ver quem dança melhor. Agente dança do jeito que a gente



sente no coração e esse sentimento vem de um lugar sagrado, vem de *nhanderu kuery*. Cada um tem o seu jeito diferente de dançar, que vem desse sentimento. Por exemplo, *tukumbo*, não são todos que sabem estalar o *tukumbo*, seu toque vai além da nossa morada e quem toca recebe uma força. Por isso que quando os tupã *kuery* andam pela terra há trovoadas, são eles tocando *tukumbo*.

Nheovanga oka regua (brincadeira no pátio) é mais frequente no tempo novo (*ara pyau*), porque é onde tudo se renova. No *ara pyau* a porta das moradas dos *nhanderu kuery* se abrem, *nhe'e kuery* se enchem de força. Essa energia passa para habitantes da terra, que querem fazer o mesmo mostrando que estão em sintonia espiritual e corporal. No *ara pyau* entramos mais na casa de reza e dançamos todos dias.

Celebramos a passagem do *ara pyau* dançando *xondaro*, mas tem outras formas de fazer isso, com a realização de alguns rituais: reroike celebra a chegada do *ara pyau*; *mba'e nhexyro* celebra o final do ciclo do *ara pyau* e a chegada do *ara yma* (o tempo velho, frio). Mas o simples fato de entrarmos todo dia na *opy* também pode ser considerado uma forma de celebrar. O nosso cotidiano é assim, todo dia nós agradecemos e celebramos.

Celebração marca vários ciclos como *nhomboery*[22], que celebra o ciclo da vida aqui na terra perecível. *Ma'ety* (plantio) também é uma forma de celebrar, plantando o *avaxi hetei* (milho verdadeiro), *jety* (batata doce), nós celebramos.

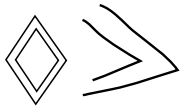
Toda vez que a celebramos o nosso espirito se fortalece.

Formas de expressão

Dançar *xondaro* é uma forma de mostrar que estamos felizes. Também pode ser uma forma de se comunicar com *nhanderu kuery*. Quando a dança é executada, ela expressa corporalmente e espiritualmente como estamos nos sentindo aqui na terra. Mostrar só na dança, sentir dentro de si, é uma forma de agradecimento sem usar a fala. Isso mostra que nós não usamos só a fala e sim mostramos o que sentimos no coração. Essa é uma forma de comunicação que há entre nós, um forma de expressar o que sentimos.

Os gritos também são uma forma de interagir com os nossos espíritos nas moradas do *nhanderu kuery*. Através do suor eliminamos todas as energias negativas (*pitua*). O sentido em que a gente gira quando dançamos mostra que estamos seguindo para frente na concepção de tempo, o sentido do movimento sempre da esquerda para direita é o mesmo que fazemos ao passar o mate e quando giramos dentro da *opy*. Esses movimentos

[22] *Nhomboery* é o momento em que o pajé revela o nome das pessoas, principalmente as crianças.



seguem o sentido do *ara pyau* (tempo novo, quente) para ara yma (tempo velho, frio). Fazemos como os nhe'e *kuery* estão fazendo nas moradas de *nhanderu kuery*, para mostrar (*jaexauka*) que não esquecemos que somos filhos deles. A expressão acontece pelas imitações e pelas semelhanças com o jeito de *nhanderu kuery* dançar.

Quando o *xamõi* (avô/pajé) fuma em volta do altar, ele comunica o que sente sem usar palavras, essa é uma forma de expressão, porque, apesar dele não falar, ele se comunica através do sentimento. É através dessas formas de expressão que o xamõi recebe de *nhanderu kuery* um sentimento e sabe o que vai acontecer futuramente, assim ele também consegue a força para curar as pessoas. Os *nhanderu kuery*, muito antes de nós nascermos, sabiam como seria nossa vida. Assim o *xamõi* recebe uma inteligência de *nhanderu kuery*, essa sabedoria ele recebe devido à forma como se expressou e sentiu. A palavra expressão tem muitos sentidos, até o passarinho se expressa: quando amanhece, ele reza e canta depois ele sai à procura de alimento.

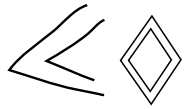
Xondaro ruvixa kuery, os ensinadores dos *xondaro*, não têm a mesma forma de ensinar, nem o mesmo conhecimento, cada um deles tem um modo diferente para ensinar crianças, e essas formas de ensino também são formas de expressão.

Através dos instrumentos também expressamos o nosso sentimento e nos comunicamos com *nhanderu kuery*. Nós dançamos para mostrar a *nhanderu kuery* que lembramos sempre e com isso eles ficam alegres e felizes, fortalecendo ainda mais nosso povo. Nós dançamos com a alegria, para mostrar aos *nhanderu kuery* como isso é importante para nós. É importante porque foi, justamente, eles que nos deram esse conhecimento através dos *xamõi kuery*.

Expressamos através das danças, das músicas, dos cantos. Nós comunicamos e agradecemos pelo coração e assim os nossos corpos se esquentam, ficam mais leves e fortes.

Ofícios e modos de fazer

Os saberes desenvolvidos pelos conhecedores de técnicas como dançar o *tangara*, *xondaro* ou o ofício de ser *xondaro* não são aprendidos. Alguns já vêm com esse espirito de ser *xondaro*, esse conhecimento é colocado por *nhanderu kuery* (*Nhanderu omoi nhandereko rã*) em nosso *nhande py'apy* (no fundo do nosso coração), com o tempo se desenvolve e se exerce aqui nessa terra, ensinando para outras pessoas. Assim também com os instrumentos musicais, tanto quem sabe fazer, como quem sabe tocar são conhecimentos colocados pelos *nhanderu kuery*, mas que também precisam ser praticados e ensinados. É preciso se identificar com os instrumentos, pois ninguém vai falar e obrigar a tocar determinado instrumento, deve-se sentir no coração a vontade de tocar e assim aprender a tocar.



Há uma diferença entre os ensinadores e o mestres de *xondaro*.

O ensinador (*xondaro ruvixa*) apenas fala como é e mostra os movimentos da dança do *xondaro*. Já o mestre (*kyre'ymba*) tem o conhecimento completo, é um *xondaro* pleno, ele consegue se livrar de qualquer ameaça, em qualquer situação de risco. É considerada uma pessoa que atingiu o nível máximo de conhecimentos sobre o *xondaro* e o que é ser *xondaro*. Todo esse conhecimento ele aprendeu de outros *xondaro ruvixa* e dos oreramoi *kuery*[23]. Para se tornar esse grande mestre do *xondaro* ele é orientado pelos *oreramoi kuery* e o conhecimento ele recebe de *nhanderu kuery*. Ele é orientado para não fazer coisas ruins e saber como usar seu conhecimento.

Para ser esse grande mestre, são dados vários tipos de remédios (casca de tartaruga, esquilo, muçum, etc.), ele também é ensinado pelo *xondaro ruvixa* e ao ficar adulto ele se torna esse grande mestre.

Assim, como o *xondaro* se refere à pessoa, e existem grandes sabedores (*xondaro ruvixa* e *kyre'ymba*), ele também é um tipo de ofício.

[23] *Ore* é a primeira pessoa do plural, que não inclui aquele que ouve, um nós que não abarca o você. *Oreramoi kuery* é os nossos (dos guarani) avós.

Palavras de Marcos Tupã

"Só tenho a agradecer. Primeiro agradecer à confiança das lideranças das aldeias que me indicaram para ser coordenador, depois às pessoas do CTI e IPHAN que trabalharam no projeto e aos jovens que estão participando desde o começo.

Para mim esse trabalho não foi só uma aprendizagem, mas uma vivência da minha cultura. Eu tenho um pensamento que está na minha vida, no meu modo de ser, no meu modo de viver. Toda a questão cultural, eu já vivo isso, os saberes dos mais velhos, dos *xeramoĩ*...

Essa parceria do IPHAN junto com o CTI e os Guarani me deu um fortalecimento a mais de como podemos, junto com os jovens, com as comunidades guarani, contribuir em uma linguagem mais apropriada para o entendimento dos *jurua kuery* sobre nós, guarani.

A questão do fortalecimento do *xondaro* foi muito importante, pois o *xondaro* tem histórias, mas não só, tem a prática da dança. Eu, quando era jovem lá na aldeia Boa Vista de Ubatuba, participava muito com *xeramoĩ* e aprendi muita coisa: aprendi a viver, a fazer casa, a fazer roça, ter uma família e a sustentar a família no modo guarani, toda essa prática eu aprendi. Por isso esse fortalecimento da vivência do *xondaro* nas aldeias é muito importante, é principalmente importante que os jovens participem.

A ideia é fortalecer não só a pratica, mas também ter uma discussão maior inclusive junto aos *jurua kuery*, para que eles respeitem nossa tradição, nosso modo de viver, e que, politicamente, possam reconhecer em outras aldeias guarani a prática do *xondaro* e as danças que nunca foram esquecidas. A ideia é poder fortalecer para que os Guarani de todas as regiões, no Brasil, na Argentina e no Paraguai possam também dizer: "vamos discutir", "vamos pensar", vamos fortalecer" ... Essa é uma iniciativa que pode contribuir com o enriquecimento e fortalecimento de todos os *xondaro*.

Eu quero também deixar uma homenagem para uma pessoa muito querida que esteve conosco no começo. Em todos os momentos, em cursos e encontros, ele participou e nos deu alegria, tendo muito envolvimento na dança e na pesquisa, é o *xondaro* Cristian (Laiu). Ele participou no começo, mas teve que se afastar de nós. Não sabemos o porquê, mas com certeza nhanderu sabe. Agora ele é *xondaro* de *nhanderu* e está olhando lá do céu.

Espero que esse trabalho tenha continuidade para que outros projetos de fortalecimento do *xondaro* e da cultura guarani possam ser expandidos para outras aldeias. Espero que esses meninos que estão aqui, os pesquisadores, possam ser multiplicadores desse conhecimento, não só do *xondaro*, mas também da questão política em discussão. Assim espero que com esse trabalho possamos transmitir aos jura *kuery* a importância da nossa vivencia e da nossa cultura."

Fala de Marcos Tupã, Agosto de 2013.

CTI
Centro de Trabalho Indigenista

COMISSÃO GUARANI YVYRUPA
CGY

IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

EMBAIXADA DA NORUEGA